

Foi a riqueza destes solos que atraiu o ser humano para o seu aproveitamento agrícola, mas não sem antes ter introduzido alterações ao sistema hídrico natural. Na margem Norte foi escavada, circundando a planície, uma vala que tinha como objetivo a drenagem das águas. Na margem Sul, para além de uma vala circundante idêntica à anteriormente descrita, foram escavadas valas paralelas para aí se armazenarem águas, constituindo um reservatório hídrico durante a época estival, garantido a água necessária à rega da planície Norte que se mantinha cultivada.

Nas últimas três décadas, o desinteresse no aproveitamento agrícola daquele espaço veio permitir que o sistema iniciasse a sua renaturalização e que as espécies que dependem destes ambientes húmidos voltassem a utilizá-lo sem receio.

Quem visita Manique do Intendente, consegue ver o casario da pequena vila estendendo-se ao longo da vertente Norte do vale da ribeira do Judeu e a seus pés o Paul, onde se conseguem identificar facilmente as formas anteriormente descritas. O Paul de Manique do Intendente constitui uma zona húmida com cerca de dezoito hectares: a Norte, cerca de nove hectares, apresentando uma forma semi-circular; a Sul, os restantes nove hectares que se estendem pela planície, numa zona mais alongada, onde ainda são visíveis as valas retilíneas paralelas.

O Paul constitui uma zona, onde é possível observar a transição entre o ambiente terrestre e o aquático de água doce, com desenvolvimento duma vegetação característica, onde se refugiam um vasto número de espécies selvagens de fauna e flora. Este ecossistema húmido tem características ecológicas muito próprias, constituindo assim um ponto de interesse para diversas espécies de animais e substratos propícios à instalação de flora que está confinada a este espaço. Este é o biótopo de múltiplas espécies, que têm os seus próprios nichos e ritmos. Cada espécie tem um local e tempo próprio para se alimentar, repousar e assegurar a sua reprodução.

Ao longo dos anos e após o cessar da atividade agrícola, o processo de coevolução permitiu a compatibilidade entre as espécies aqui presentes, num sistema de cooperação mútua. É um biótopo com espécies residentes, mas que também funciona como “estação de serviço”, em especial para as aves migradoras (invernantes e estivais).

A vegetação ripícola tem um elevado peso ecológico e paisagístico, quer pelas funções que desempenha nos diversos processos relacionados com os ciclos de vida aquática e terrestre, quer pelo impacto visual que tem nos que visitam este espaço.

A vegetação dispõe-se dentro do paul de acordo com o tempo de permanência e a profundidade da coluna de água. Há locais onde a profundidade limita o crescimento da vegetação, mesmo a estritamente aquática. Este é o reino das águas abertas e turvas.

Nos locais de menor profundidade, instalaram-se plantas adaptadas à flutuação do nível das águas, como as tabuas, os caniços (como *Phragmites australis*). Esta vegetação, de distribuição limitada a nível nacional, constituiu um importante local de abrigo e criação para diversas espécies animais.

Nas margens do Paul, o estrato inferior da formação vegetal, ou herbáceo, constitui um espaço tanto de passagem como abrigo ou de alimento para diversas espécies (é possível vestígios de passagem de algumas espécies, como os trilhos, restos de alimento, e mesmo dejetos (da lontra por exemplo).

O estrato médio funciona maioritariamente como área de alimentação para as espécies insectívoras de passeriformes bem como para fazerem os seus ninhos na Primavera, é também corredor de acesso ao estrato superior, composto por copas verdes, e é aqui, nas copas, que a maioria das aves faz o seu ninho.

A cintura externa do Paul é ocupada principalmente por árvores como o Abrunheiro-bravo (*Prunus spinosa*), o Choupo (*Populus* sp.), o Freixo (*Fraxinus* sp.), o Pilriteiro (*Crataegus monogyna*) e o Salgueiro (*Salix* sp.) e pela herbácea exótica cana-do-reino (*Arundo donax*). Na transição para as zonas alagadas destacam-se o Caniço (*Phragmites australis*) e mais para o interior, a Tabúa-de-folha-larga (*Typha latifolia*), pela especial importância que têm, quer em termos de abrigo e proteção, quer em termos de alimentação. Um exemplo é o caso especial do Caimão-comum (*Porphyrio porphyrio*), ave aquática que só está no Paul devido há existência da Tabúa-de-folha-larga da qual se alimenta.

Ciclo 1 – outubro a janeiro.

No Outono o ritmo biológico deste local abranda, muitas espécies de aves (estivais) voltam ao seu local de origem. As árvores estão na sua maioria desprovidas de folhas. Em anos secos, depois do verão, o paul pode secar completamente expondo o seu leito acastanhado, exibindo cicatrizes de secagem. A pouco e pouco este cobre-se de vegetação rasteira, substituindo de verde os tons castanhos da argila nua.

As primeiras chuvas trazem mais água ao Paul, promovendo o seu alagamento e o aumento da coluna de água, situação que se mantém por vários meses. A água traz mais vida ao Paul, os ovos de algumas espécies (anfíbios, peixes) que permaneceram enterrados no lodo tem a oportunidade de eclodirem e povoar o novo espelho de água.

Por esta altura algumas árvores do Paul ao anoitecer, servem de dormitório, quer para as aves residentes, quer para algumas populações de aves das zonas limítrofes, como é o caso dos estorninhos, chegando estes a formar bandos de centenas de indivíduos.

Na lama começam a notar-se pegadas distintas, a lontra está no Paul e o saca-rabos, o javali e a raposa visitam-no regularmente.

Ciclo 2 – fevereiro a maio.

Até ao início de março as manhãs acordam quase sempre geladas e cobertas de um extenso manto de nevoeiro.

Com a chegada da Primavera, o Paul de Manique ganha uma nova dinâmica. Um grande número de aves regressa após passarem o Inverno em África (como as andorinhas). As flores começam a desabrochar e uma enorme quantidade de insetos começa a trabalhar, espalhando o pólen enquanto se alimentam do néctar das flores.

As árvores mostram os seus primeiros rebentos, ao que se segue a floração e por fim as folhas nos outrora ramos despídos.

Muitas espécies de animais começam à procura de companheiro para o acasalamento e subsequente reprodução. Também os insetos aquáticos emergem da água para num frenesim assegurarem a continuidade da prole. A disponibilidade de insetos torna o paul num local apetecível para inúmeras espécies que deles se alimentam com as aves, as rãs, os lagostins e os morcegos.

Por esta altura, o Paul é palco de autênticas sinfonias, chamados de acasalamento das aves e das rãs. É também através do som que reconhecemos muitos dos habitantes, alguns dos quais nunca chegaremos a ver.

Os Cágados, nos seus banhos de sol, são agora mais visíveis.

Borboletas e Libélulas fervilham pelos carreiros. Estas, são agora umas das únicas asas de fácil visualização, já que a maioria das aves estão atarefadas na construção dos ninhos em locais longe do alcance do nosso olhar. Apenas as garças e os colhereiros dão a cara, pois os seus ninhos são visíveis nas colónias instaladas em salgueiros despídos de folhas na zona alagada. Também as andorinhas são facilmente identificáveis pelos voos turbulentos na apanha dos insetos e na procura incessante de lama fresca para construir os seus ninhos.

Ciclo 3 – junho a setembro.

O Paul está transformado num berçário, os primeiros sinais de renovação da vida surgem da prole do Cartaxo-comum, e do Rouxinol-dos-caniços; as crias de Galeirão e Pato-real passeiam-se pelo espelho d'água, nas colónias de garças, a descendência das várias espécies reclamam por alimento enquanto minúsculos Cágados dão as suas primeiras braçadas dentro de água.

Os novos residentes ensaiam os primeiros voos, abandonando a proteção dos ninhos.

Nesta altura a população de aves mais do que triplicou, mesmo com as baixas que os dois casais de Milhafre-preto e dois de Águia-sapeira, que também este ano nidificaram no Paul, infligiram nas colónias das Garças.

É tempo de maturação, dos animais e da flora. O Pilriteiro e o Abruñheiro-bravo estão carregados de fruto, paragem favorita das aves frutívoras.

As espécies distribuem-se pacificamente pelo Paul consoante o alimento que procuram, e há bastante. Para além das bagas, frutos e insetos, o lagostim vermelho da Louisiana (*Procambarus clarkii*), espécie exótica, constitui uma fonte alternativa de proteína muito abundante.

A medida que a época estival avança, o nível da água vai baixando e o paul vai se tornado menos atrativo para a fauna residente enquanto a migratória se prepara para abandonar o local até ao próximo ano.



azambuja
Município